

# Waraos em Tinguá (Nova Iguaçu – RJ) e sua relação com a educação: registros etnográficos em curso<sup>1</sup>

Priscila Alantino - UFRRJ/RJ<sup>2</sup>

Palavras-chave: Waraos; educação; migração

## Introdução

O Brasil, desde de 2015, tem sido um dos alvos do fluxo migratório contemporâneo de venezuelanos na América Latina, devido à crise político-econômica que se instalou em seu país. Estes imigrantes, em sua maioria, deslocam-se acompanhados de sua família, especialmente as etnias indígenas venezuelanas. Portanto, crianças e adolescentes figuram um grande número nesta população migrante, somando-se a estes, aqueles que nascem em território brasileiro. Diante disso, pensar o lugar da educação para imigrantes, em especial imigrantes indígenas, é de extrema relevância quando falamos em acolhimento, socialização e integração desta população. Assim, o objetivo deste trabalho é entender os processos de integração de uma família venezuelana, de etnia Warao, que atualmente reside em Tinguá (Nova Iguaçu), em especial as crianças e adolescentes. Percebendo a escola como local privilegiado neste processo de integração, acolhimento e socialização, como metodologia são utilizadas pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas e questionários, além de observação das interações das crianças e adolescentes warao, matriculados nas escolas. Assim, acredita-se ser possível identificar os fatores que facilitam e/ou dificultam sua permanência em território nacional brasileiro.

## Quem são os Warao?

Antes de começar a falar acerca da etnografia com os Warao, que residem em Tinguá, é pertinente conhecer um pouco quem é este povo. Os Warao são a segunda etnia mais populosa e uma das etnias indígenas mais antigas da Venezuela,

habitando o delta do rio Orinoco há pelo menos oito mil anos. O nome desse grande rio, inclusive, deriva da palavra na língua warao, *Wirinoko*, em que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Doutoranda do PPG Ciências Sociais da UFRRJ



passa a ser nuclear, tendo o genro como líder. Além da catequização, na década de 1960, outra atividade mudou o modo de vida dos Warao, o represamento do rio Manamo<sup>3</sup>. Tal atividade teve sérias consequências, pois a salinização do mesmo fez com que se tornasse inviável tanto a plantação quanto a pesca. Como resultado disto, os Warao foram obrigados a se deslocar para outras cidades e assim, como consequência, mais de 20 comunidades Warao desapareceram. Além disso, sua organização social, que antes era em grupo, passou a ser individual, com cada família cultivando sua própria roça ou empregando-se em roçado de outros produtores.

Durante a década de 1990, dois acontecimentos, mais uma vez, influenciaram no modo de vida Warao, obrigando-os a se deslocar. O primeiro foi uma epidemia de cólera, entre 1992 e 1993, que levou a óbito quase 500 Waraos. Houve uma tentativa de cura destas pessoas, por parte dos curandeiros, mas estes também se contaminaram e morreram, então foram obrigados a buscar ajuda e tratamento médico nas cidades. Esta epidemia acabou por ser associada ao estilo de vida indígena, chegando a ser tratada como um “problema indígena”. As autoridades de saúde então estabeleceram

(...) grupos de pessoas “salubres” e “insalubres”; de acordo com as categorias raciais crioulo e indígena, o país foi dividido em áreas “seguras” e áreas de “risco”. Os pobres, sobretudo os indígenas, foram culpabilizados pela epidemia, e tratados de maneira violenta e discriminatória. (ACNUR, 2020, p.17)

Como consequência deste pensamento, os Warao foram deslocados para uma ilha (de La Tortuga), para que ficassem isolados, mas as péssimas condições de vida os obrigaram a sair, mesmo sem autorização do governo. O segundo acontecimento, foi a exploração petrolífera em Pedernales, município do Estado de Delta Amacuro, “uma das mais importantes Reservas da Biosfera do planeta, cuja a maioria da população é composta por indígenas Warao” (CASTRO, 2000/2006 *apud* SANTOS, 2020, p.5).

De acordo com Rosa (2020), a exploração de petróleo na região teve início em 1994, por meio do acordo operacional firmado entre a estatal Petróleos de Venezuela (PDVSA) e a multinacional British Petroleum. Dentre as atividades que mais afetou este território estão: um programa intenso de explosões sísmicas para detectar a localização do petróleo, vazamentos de

---

<sup>3</sup> O rio Manamo, faz parte do delta do Orinoco, ao longo de seu curso viviam diversas comunidades Warao. Seu represamento tinha como objetivo principal “impedir que as enchentes sazonais do rio Orinoco inundassem milhares de quilômetros, supostamente adequados para a agricultura.” (ACNUR, 2020, p.16). “Para os indígenas Warao, segundo os depoimentos coletados pela comissão, a presença da indústria petrolífera afetou o ambiente natural do delta do Orinoco, comprometeu os locais sagrados, perturbou comunidades antes isoladas, contaminou habitats e recursos naturais associados a sobrevivência de grupos ancestrais, introduziu novas enfermidades, como o HIV, e proliferou doenças sexualmente transmissíveis, tuberculose e outras. Eles denunciaram, inclusive, a ocorrência de abusos e violência sexual contra crianças e mulheres indígenas por trabalhadores de companhias petrolíferas, a compra de meninas para a prostituição, o consumo problemático de bebidas alcoólicas e de drogas ilegais.” (ACNUR, 2020, p.16).

óleo e o despejo de resíduos poluentes nas margens do rio Manamito, afetando novamente a vida indígena. (SANTOS, 2020, p.5,6)

Percebe-se, então, que os deslocamentos dos indígenas Warao tem se dado não como um estilo de vida, mas como resultado de intervenções externas e como um modo de sobrevivência. Por conta destes deslocamentos forçados, muitas vezes, os Warao ocuparam os espaços urbanos, como local temporário de moradia. Apesar disto, Garcia Castro (2000) nos mostra que, como estratégia de sobrevivência de sua cultura e etnicidade, os Warao adotam determinado estilo de vida, por determinado tempo, como forma de interagir com a sociedade ou grupo de acolhida, modificando alguns aspectos de sua cultura tradicional. A isto ele chama de “Zona de contigüidade étnica” ou “Fronteira de interrelação social”

(...) esta Zona de Contigüidad Étnica, o frontera de interrelación social, aparece caracterizada por la puesta en práctica por parte de ambos grupos, de un código expreso de normas reguladoras de dicho encuentro. En lo que corresponde a los Warao, estas reglas que, modificando sus conductas habituales les permite insertarse en la cultura urbana. (GARCIA CASTRO, 2000, p.80)

Essa mudança de conduta, tem a intenção de manter os aspectos identitários de sua etnia; manter a coesão do grupo, posto que a mudança de comportamento não é individual, mas sim grupal, todos estão cientes que é preciso adaptar-se por um momento - até que possam retornar à seu local de origem -, se envolver o menos possível com a sociedade de acolhida e assim, por fim, ter a possibilidade de se distanciar facilmente da cultura de acolhida, assim que for possível retornar à seu local de origem. Este tipo de comportamento foi desenvolvido, a partir dos acontecimentos supracitados, que os obrigaram a deslocar-se, como estratégia de sobrevivência da identidade étnica Warao. Nota-se então que os Warao, apesar de se adaptarem, de certa forma, fazem isso deliberadamente, não é como se fossem obrigados a agir de determinada maneira. A forma como se adaptam é coletiva e previamente pensada "para obtener ciertos beneficios inmediatos de índole económica y además con un mínimo de compromiso con respecto a ambas culturas." (GARCIA CASTRO, 2000, p.83).

A adaptação de seu estilo de vida, consiste, dentre outras coisas, em adaptar a atividade da coleta, a qual era feita na floresta e agora é feita nas ruas das cidades, esta adaptação cria uma reconfiguração do tipo de coleta, mas não de seu objetivo. Portanto, para os Warao, pedir dinheiro nas ruas não tem o mesmo sentido que mendigar, pois, assim como, tradicionalmente, as mulheres saíam às matas para conseguir alimento para sua comunidade, sair às ruas para pedir dinheiro para obter alimento tem o mesmo

sentido. Ademais, o objetivo da coleta das cidades é suprir as necessidades do local de origem, não ficar na cidade.

A prática de pedir dinheiro nas ruas ocorre de forma sistemática desde o início da década de 1990, quando, em virtude da epidemia de cólera que se abateu sobre os Warao, um grupo de indígenas se organizou para ir até San Félix, solicitar assistência governamental. Nessa cidade, dirigiram-se ao mercado público, onde as pessoas, sem que eles pedissem, começaram a lhes entregar comida, roupas e dinheiro. Ao saírem nas ruas, do mesmo modo, as pessoas lhes entregavam dinheiro pelas janelas dos carros. Com isso, por mera casualidade, as mulheres perceberam o sentimento de solidariedade que despertam nas outras pessoas, sobretudo quando acompanhadas por seus filhos. (ACNUR, 2020. p.19)

A partir de então, a prática da coleta foi adaptada ao novo estilo de vida Warao na cidade, mostrando que, historicamente, os venezuelanos (criollos<sup>4</sup>), como parte da “Fronteira de interrelação social”, entendem que esta é uma prática da cultura indígena Warao e portanto não veem como um problema, chegando até mesmo a diferenciar a coleta Warao da mendicância dos demais venezuelanos, representando para estes uma ameaça, tendo em vista a predisposição da população em dar dinheiro aos Warao e não aos mendicantes. Um outro dado importante é que os Warao não tem o costume de produzir artesanato para a venda - porém, aqui, fazem esta adaptação, para obter sustento -, como outras etnias indígenas, reforçando assim a necessidade de manutenção da atividade da coleta (GARCIA CASTRO, 2000).

Um outro aspecto importante da cultura Warao, para esta pesquisa, é o papel da mulher na organização comunitária e sua relação com os filhos. A mulher, tradicionalmente, é o centro da organização familiar e social Warao. Como administradora do lar e coletora, a mulher Warao se torna responsável pela manutenção e organização da comunidade. A elas também se deve a educação e cuidado das crianças, mantendo-as perto, sempre que possível, inclusive durante as expedições de coleta.

El elemento femenino surge en la cosmovisión Warao, como un símbolo de procreación, de orden, de administración, de protección e incluso de retaliación. Entre las diversas versiones de la creación del mundo Warao, se le atribuye a la mujer, por transformación de la sangre uterina, la formación de la tierra y la topografía específica del delta bajo [...]. Ser mujer en la sociedad Warao requiere de un conocimiento íntimo acerca de los vínculos que existen entre lo telúrico, cultural y cósmico en su altamente animado universo de múltiples estratos (LAFÉE- WILBERT, 2008, p.51 *apud* SANTOS, 2020, p.10).

Esta prática tradicional, também adaptou-se ao contexto urbano, onde as mulheres levam seus filhos para a coleta urbana. Entretanto, como uma prática ainda

---

<sup>4</sup> Criollo, na Venezuela, é qualquer pessoa que não seja indígena. Os warao acabam utilizando a mesma referência aqui no Brasil para se referir a brasileiros que não são indígenas.

desconhecida no Brasil, como elemento cultural, a coleta aqui é vista como mendicância e a presença de crianças é mal vista, o que pode causar sérios problemas para os Warao. Por isto, em diversas situações, a dinâmica organizacional dos grupos migrantes Warao novamente tem que mudar, passando as crianças a ficarem em casa com os pais ou, até mesmo, os homens saindo para fazer a coleta no lugar das mulheres, enquanto estas ficam somente com a função administrativa do lar e o cuidado das crianças, isto inclui o acompanhamento educacional das mesmas.

### **A primeira experiência com os Waraos**

Chegar até os Warao, que atualmente residem em Tinguá, não foi fácil e não somente pela distância e dificuldade de acesso, mas também, para descobrir que ali havia um grupo de imigrantes venezuelanos, indígenas, da etnia Warao. Foi preciso um esforço em conjunto com minha orientadora e um grupo de pesquisa da UFRRJ que já estava fazendo um acompanhamento e pesquisa de campo com eles. A partir de então, pude ir, pessoalmente, conhecer a família e perceber que seria possível fazer minha pesquisa com eles. A família Warao, que reside em Tinguá, é composta por aproximadamente 25 pessoas, entre adultos, adolescentes e crianças. Como os Warao chegaram a Parque Estoril (Tinguá – NI) foi o primeiro questionamento que veio à minha mente - pois eu sabia o quão distante do centro, da cidade do Rio de Janeiro e também do centro da cidade de Nova Iguaçu, este bairro é. Não é um bairro conhecido, tampouco de fácil acesso. Esta resposta logo apareceu na primeira ida a campo. O objetivo era acompanhar uma aula dos warao. O dia começou cedo, encontrei Sandra<sup>5</sup> (uma das pesquisadoras) no local combinado, pegamos um uber e fomos ao encontro dos Warao.

Ao chegar ao nosso destino – CRAS Terra de Marambaia, um lugar muito humilde, localizado em uma rua sem asfalto e cercada por árvores e mato, com pouquíssimas casas ao redor – fomos direto à recepção e perguntamos onde os Warao estavam. Subimos um lance de escadas, até o auditório, onde estavam os Warao, logo ao abrir a porta me deparei com muitas crianças e algumas mulheres, as crianças brincavam de pique-pega, enquanto as mulheres conversavam. Sandra já entrou cumprimentando a todos e eu segui fazendo o mesmo. Um dos funcionários do CRAS informou que a professora deles não estaria lá, naquele dia, então Sandra decidiu fazer uma atividade com eles – este seria o último dia dos Warao tendo aula no CRAS, a

---

<sup>5</sup> Foram utilizados pseudônimos, como forma de preservação das identidades dos envolvidos.

partir de então, seriam alocados em uma escola, cada um em suas respectivas séries. As crianças e adolescentes warao, durante o período de aulas remotas, devido à COVID-19, tinham aulas presenciais com uma professora especificamente designada para tanto, no CRAS (Terra de Marambaia). Esta professora fala espanhol, o que facilitou a interação com eles. Apesar de a faixa etária dos warao ser diferente, as aulas e atividades eram realizadas em conjunto.

**Figura 2:** Mulheres e crianças warao no CRAS Terra de Marambaia



Fonte: Arquivo Diário de campo pessoal

Dando continuidade à atividade, iniciada na semana anterior, na qual Sandra pediu que desenhassem o que recordavam da Venezuela, neste dia, ela propôs que as crianças falassem sobre cada desenho e nos explicassem o que eles representavam. Logo percebemos a presença recorrente do Buriti – a árvore da vida – nos desenhos feitos pelas crianças e adolescentes.

**Figura 3:** Desenho de uma das adolescentes Warao, da atividade proposta pela pesquisadora



Fonte: Arquivo de Diário de Campo (Sandra)

Após falarem sobre seus desenhos, Sandra solicitou que uma das adolescentes - Angeli, a adolescente mais velha do grupo - contasse como eles conseguiram chegar no Brasil e, por fim, em Tinguá. Angeli, então, começou a narrar a trajetória dos Warao, a qual foi atravessada por períodos de fome e escassez, onde contavam com a ajuda de estranhos para conseguir alimentar as crianças e seguir seu caminho. Ao chegar aqui no Brasil, foram vacinados na fronteira, porém não foram para o abrigo, ficaram nas ruas até que conseguissem indicação de algum lugar para ficar. Uma característica dos grupos que migram em grande quantidade é a sua rede de comunicação. Em geral, eles se mantêm em contato para saber o melhor lugar onde obter casa, emprego e educação e com os Waraos não foi diferente. O caminho até o Rio de Janeiro foi feito desta forma, a todo momento estavam em contato com parentes, que já estavam morando no Brasil, para saberem qual o melhor lugar para morar e conseguir trabalho e, assim, partiam de uma cidade para outra, morando de favor ou pagando diária em pensões e hotéis.

Com o dinheiro que conseguiam na rua, recebendo ajuda de parentes, pessoas que conheciam pelo caminho ou instituições, chegaram ao Rio de Janeiro e ficaram um tempo morando em Japeri, ajudados por uma igreja católica, até que esta igreja conseguiu contato com a prefeitura de Nova Iguaçu, a qual os trouxe para onde vivem atualmente. Esta narrativa não foi tão simples de compreender, tendo em vista que foi feita em espanhol e Warao, pois eles costumemente misturam as duas línguas, ao longo do discurso, porém foi possível perceber que este período foi tão conturbado que a escola não se tornou uma prioridade, ficando totalmente fora da narrativa, tanto de Angeli quanto das mulheres de sua família - que a ajudavam, durante a narrativa, a relembrar os momentos.

### **Os Warao e a escola**

A partir de Novembro de 2021, as crianças e adolescentes Warao foram alocados em uma escola, também próxima de onde moram e divididos em série, de acordo com seu nível de conhecimento. Na primeira ida a esta escola, pude perceber que a mesma não sabia exatamente como lidar com a nova situação - ter alunos indígenas e de outra nacionalidade. Ao chegar, logo fui informada que eles estão separados em turmas, de acordo com a idade ou nível de conhecimento. A dirigente nos recepcionou e encaminhou para a Coordenadora educacional, a qual nos levou até sua sala para conversarmos. A Coordenadora, depois de nos apresentarmos, logo começou a fazer perguntas a respeito dos Warao e seu estilo de vida; como chegaram até aqui; se são

nômades; se recebem ajuda do governo; etc, o que nos esforçamos para responder e também para tentar desmistificar alguns pensamentos.

A coordenadora nos informou que tem dificuldade de se comunicar com os Warao, porque ela não fala espanhol, entretanto, é preciso entender melhor esta dificuldade, pois a maioria deles entende o português e alguns inclusive falam, então qual de fato seria a dificuldade da coordenadora? Perguntei se eles foram informados com antecedência sobre a vinda dos Warao e ela nos informou que sim, entretanto, mostrou pouquíssimo conhecimento a respeito deles, demonstrando que não houve uma pesquisa ou preparação da escola para recebê-los. Inclusive ela não tinha conhecimento de que eles eram venezuelanos e só sabia que eram indígenas por conta de sua aparência. Segundo Santos, Bahia e Gomes (2016, p.9), “a escola, homogeneizadora por princípio e definição, tem dificuldade para lidar com as diferenças. Ou seja, o modelo que prevalece em sala de aula ainda é o da assimilação.”, portanto, o desinteresse em conhecer a cultura dos novos alunos não é surpresa, tendo em vista que o objetivo é assimilar.

Perguntei ainda sobre a convivência com os colegas de turma e escola, ela me informou que eles interagem bem e isso de fato dá para se notar, principalmente entre os meninos - ao final da aula, os meninos brincavam juntos na porta da escola, enquanto esperavam seus pais virem buscá-los. Um menino brasileiro, que iria embora sozinho, ficou brincando com os Warao até que eles fossem embora, mesmo depois de a dirigente mandá-lo ir para casa duas vezes, demonstrando seu interesse em interagir com os novos colegas. Ainda durante a conversa com a coordenadora educacional, a mesma expressou sua opinião a respeito dos Warao, dizendo que eles são muito tímidos, porém educados e que se surpreende deles entenderem as matérias dadas e conseguirem fazer as atividades, além disto os considera muito bonitinhos, pois tem o cabelo liso - confesso que estas impressões, apesar de não me surpreenderem, me incomodam, pois nota-se a reprodução de pensamentos construídos a partir de estereótipos enraizados em nossa sociedade, acerca do não branco e do belo.

Após nossa conversa, fomos aguardar o responsável dos Warao vir buscá-los, fiquei sentada junto de Angeli, observando a interação dos demais Warao com os alunos nacionais. Angeli ficou sentada em um canto, quieta - talvez pela sua idade (17 anos) em uma turma de 4º ano, em que a maioria, além de ser composta por meninos, tem idade entre 9 e 10 anos, isso dificulta sua interação. Em alguns momentos, seu irmão se aproxima para conversar com ela, a conversa se desenvolve em idioma Warao, mas pela

citação de nomes, pude perceber que falavam de nós, pesquisadoras. Enquanto eles conversavam, os meninos menores brincavam com os colegas nacionais, enquanto as meninas, Warao e brasileiras, ficavam sentadas observando.

Quando o pai de Angeli chegou para buscá-los, perguntei se era possível acompanhá-los até em casa, para avisar sobre a próxima visita. Não foi fácil chegar lá, apesar de apenas uma quadra de distância, as ruas sem asfalto, em barro molhado pela chuva de dias, abriram diversos buracos no chão. Enquanto andava, me recordava das brincadeiras de amarelinha durante a infância, onde, com muita dificuldade, era preciso ziguezaguear e às vezes pular obstáculos para avançar. As poças eram o obstáculo daquele momento, por isso, o trajeto de no máximo 5 minutos, durou pelo menos 15 minutos. Utilizamos este tempo para conversar com Angeli, já que seu pai nos havia deixado com ela e andava à frente com o restante das crianças.

Sandra fez perguntas acerca do que Angeli estava achando da nova escola, se gostava ou não, a mesma respondeu que sim, está gostando, então Sandra pergunta se ela estranha a nova escola e, neste momento, Angeli olhou para Sandra sem entender, daí eu tive que explicar para Sandra que estranhar, em espanhol, não tem exatamente o mesmo significado que em português, para eles é algo como sentir falta ou sentir saudade, então não fazia sentido para Angeli “extrañar” a nova escola, pois como ela sentiria falta do novo? Aqui, surge mais um obstáculo, a comunicação, ressaltando a importância de uma comunicação que faça sentido para ambas as partes - no grupo que faz pesquisa com os venezuelanos, somente eu falo espanhol e mesmo assim, tive que retomar algumas práticas de leitura, escuta e fala, pois já havia muito tempo que não falava. Assim, Sandra reformulou sua pergunta. Perguntou se Angeli achou a escola diferente, ela respondeu: “um pouco”.

**Figura 4:** As amarelinhas da pesquisa de campo



Fonte: Arquivo pessoal

Após avisar sobre nossa próxima visita, voltamos andando pela estrada de barro molhado, até a estrada principal, onde chamaríamos um uber para voltar para casa. Enquanto andávamos, um carro parou ao nosso lado, eram professores da escola, nos oferecendo carona, até determinada parte do caminho. Aceitamos a carona e aproveitamos para continuar nossa pesquisa. No caminho, eles disseram que são professores de inglês e ciências. Durante a conversa, percebi que os professores, assim como a coordenadora, não tinham conhecimento acerca dos Warao e seu estilo de vida e cultura, entretanto, tem interesse em conhecer mais, para saberem lidar e ensinar melhor. Na opinião deles, as crianças Warao estão se integrando e interagindo com os colegas, mas ainda tem um pouco de dificuldade para entender o português.

A professora de inglês relatou que uma aluna venezuelana - que não é Warao<sup>6</sup> - falou que já era difícil entender o português, ainda tinha que aprender inglês, mas a professora entendeu a situação e explicou que a ajudaria no que precisasse e que ela não precisava se preocupar. A partir deste relato, a professora disse que está se esforçando para lembrar o tempo em que estudou espanhol, para que ela consiga se comunicar melhor com os venezuelanos, demonstrando assim, seu interesse em integrar os warao. Ambos os professores nos fizeram todo o tipo de perguntas acerca dos venezuelanos e se mostraram muito interessados em saber como melhorar suas aulas, para poder ajudá-los e disseram que gostariam da nossa ajuda para entender melhor como fazer isto. Nossa conversa não pôde continuar, naquele dia, pois chegamos ao nosso destino,

---

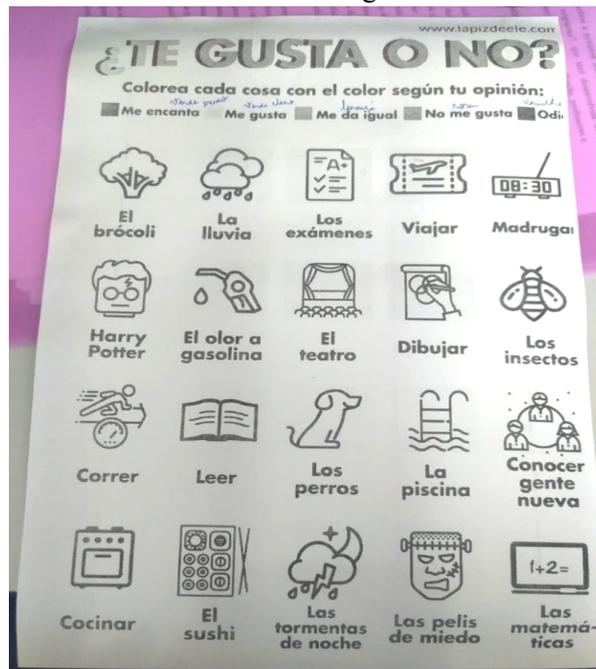
<sup>6</sup> O grupo de venezuelanos que vivem em Tinguá não tem só Warao, entretanto, esta pesquisa está focada nos Warao.

porém, nos deixou a impressão de que existe um esforço para que os Warao se sintam integrados à escola.

As aulas dos Warao, na escola, por conta da COVID-19, aconteciam de 15 em 15 dias, portanto, só depois de 15 dias é que pude novamente ir à campo. Chegando à escola, estava lá a professora Joana. Descobrimos que ela iria realizar atividades com algumas turmas que tem alunos Warao. Pedimos então para acompanhá-la e observar. Agora que eles estão na escola, um dia na semana, ela faz algumas atividades de interação entre os Warao e os alunos nacionais. A atividade de hoje, da turma de 4º ano, é sobre o verbo “gustar” (gostar), onde os alunos nacionais vão aprender o seu significado e uso. Estas atividades foram pensadas junto com o diretor da escola, como forma de diminuir as distâncias entre os Warao e os nacionais, percebe-se aqui que a intenção não é fazer os warao compreenderem os brasileiros, mas o contrário. Joana fala em espanhol, na maior parte do tempo, mas traduz algumas vezes, para que os alunos brasileiros entendam a atividade.

A atividade consiste em uma folha que contém algumas figuras e os alunos devem pintar cada figura com a cor correspondente a seu gosto. Toda a atividade está em espanhol, mas a Prof.<sup>a</sup>. Joana consegue fazer com que todos a compreendam bem, mesmo que não saibam falar espanhol. No entanto, na foto, abaixo, é possível perceber uma figura que representa o teatro (el teatro) e as crianças precisam dizer se gostam ou não, contudo, os Warao não fazem ideia do que seja um teatro, a Professora Joana explica, mas eles não parecem entender completamente o que de fato é um teatro, pois não possuem referências suficientes para entender. Quando falamos de uma educação diferenciada para comunidades indígenas, é também sobre este tipo de ocasião que nos referimos. Entender que cada comunidade indígena tem seu sistema próprio de organização social, é entender que este sistema também tem seu próprio escopo de referências, o qual, nem sempre, inclui signos e significados comuns à sociedade globalizada, portanto, pensar uma educação indígena a partir de um modelo homogeneizante e assimilador como o existente nas escolas brasileiras, pode dificultar e/ou atrasar o processo de adaptação, pois não leva em conta, nesse encontro da alteridade, o que é conhecido ou desconhecido pelo outro.

**Figura 5:** Atividade proposta pela professora Joana como forma de integrar as crianças warao à nova escola e aos colegas de classe



Fonte: Arquivo pessoal

Quando a atividade terminou, a Professora Joana continuou em sala, mas passou a aula para a Professora Glória, que é a Professora do 4º ano. Angeli consegue acompanhar as aulas, ministradas em português, melhor que seus irmãos, mas ainda apresenta mais dificuldade que os alunos nacionais. Juan, um dos irmãos de Angeli, não presta atenção à aula por muito tempo e a Professora Glória não parece se atentar especificamente para o desenvolvimento dos Warao em sala de aula, ela explica de forma geral, faz perguntas acerca da atividade e se alguém responde, já se dá por satisfeita, mantém-se o tempo todo na parte da frente da sala, enquanto os meninos Warao estão sentados ao fundo, o que dificulta mais a percepção de suas dificuldades. Ao fim da aula de matemática, segue-se então para a aula de português – a professora Joana continua auxiliando os Warao -, onde é feita a leitura de um pequeno texto, em que os alunos devem identificar a pontuação correta. Esta atividade não consegue ter a interação dos warao, pois o texto lido não é bem compreendido por eles.

Após este dia, a escola entrou de férias, retomando somente um mês depois. Retorno ao campo, depois de um tempo, e percebo que algumas coisas mudaram, a professora Joana não vai mais à escola para auxiliar os warao e existe certa preocupação - por parte da direção - com a integração deles, em especial em sua frequência nas aulas, daí então, peço para verificar as listas de presença dos últimos meses. Verifico que a frequência tem uma diminuição ao longo dos meses, a vice-diretora me diz que a escola

já havia conversado com os pais, mas não sabia o motivo real das faltas. É possível verificar que a interação entre a escola e os pais não tem sido eficaz e isso acaba por se refletir na frequência dos alunos e conseqüentemente na sua integração.

Realizar um bom processo de escolarização é fundamental para que haja tanto uma adaptação mais tranquila, [...], quanto para que a socialização entre os pares possa ser também mais eficaz. E, como os três processos vão ocorrendo de forma simultânea, um maior acompanhamento familiar e escolar sempre é muito significativo. (ANDRÉ, 2016, p.59)

Em uma ida a campo anterior, acompanhei uma aula do 5º ano, onde um menino warao assiste aula. Em dado momento, a professora se aproxima de nós, para conversar sobre os warao, ela nos conta que divide a turma em 2, de um lado os que tem mais dificuldade e do outro os que não tem. O menino warao está no lado dos que tem dificuldade, porém é nítido o interesse da professora e dos colegas de classe em ajudá-lo. A professora dedica um tempo para auxiliá-lo na compreensão da tarefa e alguns colegas verificam se ele está conseguindo fazer e em alguns momentos tentam auxiliá-lo também. Este aspecto é importante, pois, como afirma André (2016, p.60), a integração no contexto escolar “é um processo bilateral, mais ativo, é uma ação recíproca entre estrangeiros e autóctones”. Depois de um tempo, a professora vem até nós e nos conta que esta turma tinha 3 waraos, o menino que está presente, mais um menino de 14 anos e uma menina de 18, Angeli. A menina passou por um processo de avaliação e foi para uma turma mais avançada, enquanto os meninos permaneceram, isto fez com que o menino de 14 anos desistisse de ir à aula. Segundo sua percepção, a ausência do menino tem relação com a mudança de classe da menina.

**Quadro 1:** Número de faltas mensais dos Warao matriculados

Turma	Alunos	Número de faltas			
		Fevereiro	Março	Abril	Maió
Infantil 5A	Menina	3	1	2	1
302	Menina	0	6	5	7
	Menina	1	5	0	6
	Menina	0	4	5	6
	Menino	1	7	6	12
401	Menina	0	9	10	14
	Menina	0	9	9	10

5º ano	Menino	1	3	7	11
	Menino	9	2	7	14
6º ano	Menina	0	2	5	10

Fonte: Caderno de campo

Diante do relato da vice-diretora e da professora do 5º ano, percebo que para entender o significado de educação e o que a escola representa para os Warao, eu teria que sair da escola. Assim, deixo as outras pesquisadoras e vou até a casa dos Warao que fica algumas ruas depois. No caminho, passei por algumas famílias warao e um deles me reconheceu, foi então que perguntei se o Cacique estava em casa e ele me respondeu que sim. Continuei meu caminho, ainda um pouco apreensiva, pois nunca havia ido sozinha à casa deles e não sabia como seria recebida. Ao chegar, bati no portão e uma das mulheres Warao abriu, me olhando com certa desconfiança, foi quando eu me apresentei e perguntei pelo Cacique e se poderia falar com ele. Assim, ela me deixou entrar. Aos poucos os adultos foram aparecendo e alguns me reconheceram, especialmente a esposa do Cacique. Passado um tempo, o próprio Cacique veio falar comigo, me apresentei novamente e disse que ele havia me prometido ensinar o Warao, portanto eu estava ali para aprender com ele (no momento foi a única coisa que me veio à mente para poder conversar com ele).

Sempre muito disposto a ensinar, o Cacique logo se pôs a me ensinar o nome das coisas em Warao, aproveitei aquele momento para perguntar como os Warao aprendem a sua língua nativa e o espanhol. Perguntei se eles vão à escola e ele me disse que, em geral, não. Tanto o Warao, quanto o espanhol, são aprendidos na aldeia, os pais ensinam aos filhos, os adultos ensinam as crianças e quando precisam aprender outra coisa como, por exemplo, história, procuram os mais velhos da comunidade, pois são os mais sábios e os que presenciaram mais fatos. A escola ocupa um papel secundário, pois vão para aprender o básico da matemática, da geografia, etc, até receber determinado certificado e já é o suficiente, pois para seu modo de vida, não há necessidade de ir à escola durante longo tempo já que tudo o que precisam para sobreviver e manter sua cultura, é encontrado na natureza e compartilhado em comunidade, em seu grupo. Além disso, ressaltou também sua preocupação quanto ao fato de as crianças mais novas, as que nasceram no Brasil, não falarem espanhol. Para ele, saber falar espanhol é parte importante da sua cultura e perder isso é um problema, pois como ele tem a intenção de

voltar para a Venezuela algum dia, com a família, é importante as crianças saberem falar espanhol.

Neste ponto, é importante nos determos, pois este relato do Cacique não é isolado. Segundo o relatório do ACNUR sobre os warao (2020), a preocupação com a manutenção, tanto do espanhol quanto do warao é recorrente.

No Brasil, temos identificado que muitas famílias indígenas não se opõem à inclusão das crianças e dos adolescentes na rede regular de ensino, tanto que em algumas cidades houve matrículas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Porém, elas enfatizam que as dificuldades decorrentes da comunicação em outra língua geram evasão escolar. (ACNUR, 2020, p.59)

O mesmo relatório contém fragmentos de entrevistas colhidas, em que os adultos dizem como seria o ensino ideal e porque.

Podem aprender português, mas queremos que seja como na Venezuela, nas comunidades, que tenham um professor Warao para ensinar warao e espanhol, para não perderem a língua, nem a cultura. [...] Com todo respeito, mas queremos uma escola somente para os Warao [...] Isso é para o futuro delas, porque aí não perdem a cultura Warao, nem o espanhol, e aprendem português [...] e, no futuro, teremos profissionais Warao trabalhando aqui. Isso será uma ajuda para nós, Warao no Brasil. Agora eu estou aprendendo, mas, quando cheguei, fiquei mudo, porque eu não entendia nada de português, não aprendi português na Venezuela. Primeiro, aprendi a falar warao e depois espanhol. Eu não quero que meus filhos, meus sobrinhos e os demais Warao passem por isso, porque, se eles aprenderem somente português, se daqui a alguns anos a Venezuela ficar bem e eu voltar para lá (minha família está lá), eles não saberão falar. Precisam aprender também warao e espanhol, porque isso é uma defesa própria, assim poderão se defender: chegarão na Venezuela, falarão espanhol; chegarão na comunidade Warao, falarão warao. (ACNUR, 2020, p. 60)

Como dito anteriormente, é possível perceber que a relação que os warao tem com a educação é diferente do modelo escolar assimilacionista ainda presente na maioria das escolas no Brasil, mesmo constando em leis e diretrizes educacionais nacionais, o respeito à diversidade cultural, principalmente em se tratando de grupos indígenas. Segundo a Resolução nº 1/2020 do MEC, está prevista a formação de classes comuns nas escolas, ou seja, que tenham tanto brasileiros quanto estrangeiros, porém esta resolução conflita com a legislação relativa à educação escolar indígena, a qual “prevê a existência de escolas exclusivas ou que atendam exclusivamente ao público indígena” (ACNUR, 2020, p.56). Levando-se em conta que o modelo adotado durante a pandemia para atender aos Warao - que consistia em aulas ministradas em espanhol e em conjunto, ou seja, um modelo mais parecido com o aprendizado em comunidade - contava com a presença assídua das crianças e adolescentes e que a transferência para o modelo escolar brasileiro - que dividiu as crianças e adolescentes em turmas e são ministradas exclusivamente em português - fez com que esta frequência caísse, é

possível entender que existe a necessidade de uma adaptação no modelo oferecido aos Waraos.

Durante uma reunião do grupo de pesquisa, a coordenadora do grupo, diante dos relatos de campo, sugeriu que preparássemos e oferecêssemos um curso de formação para a escola que recebeu os warao, com o intuito de auxiliar a percepção da escola de quem são os warao, sua cultura, seu modo de vida e também sobre seus direitos como povo indígena à uma educação diferenciada.

O artigo 78 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996) preconiza o desenvolvimento de “programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas”, tendo em vista a reafirmação da identidade étnica, a valorização das línguas e saberes, e a garantia de acesso a informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e de outras sociedades, indígenas ou não. [...] Já em seu artigo 79, a LDB estabelece que a União apoiará técnica e financeiramente os programas de educação intercultural, que serão incluídos no Plano Nacional de Educação (PNE) e deverão ser planejados com a participação das comunidades indígenas, a fim de:

- I – fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena;
- II – manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;
- III – desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;
- IV – elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado. (ACNUR, 2020, p.56,57)

A partir desta sugestão e com base, não só na LDB, mas também em outras leis e diretrizes vigentes<sup>7</sup>, começamos as reuniões para planejamento do curso de formação, o qual se desdobrou em dois, um somente para a escola e outra para escola e órgãos que lidam diretamente com os warao. O planejamento deste curso ainda está em andamento, porém existe a previsão de implantação ainda este ano.

### **Um caminho para a universidade**

Diante das informações coletadas com o cacique, eu percebi o porquê ou melhor, pelo menos um dos porquês de as crianças e adolescentes terem tantas faltas na escola. Perguntei então a ele qual o sentido das crianças e adolescentes continuarem indo à

---

<sup>7</sup> Leis e Diretrizes existentes que tratam sobre o direito à educação aos imigrantes e refugiados e educação diferenciada aos indígenas: Constituição Federal: art.5º e art.210º; Lei de Migração (Lei nº 9.474/1997); Nova lei de Migração (Lei nº 13.445/2017); Resolução nº 01/2020 do Ministério da Educação (MEC); Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei nº9.394/1996), art.78, 79; Convenção nº 169 da OIT, art.27; Declaração das Nações Unidas Sobre os Direitos dos Povos Indígenas, art.14; Declaração Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas (OEA), art.15; Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Básica (CEB), Parecer nº 14 e Resolução CNE/CEB nº 03/1999; Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI); Parecer CNE/CEB nº 14/2011 e Resolução CNE/CEB nº 3/2012. (ACNUR, 2020).

escola, depois que adquirem o conhecimento, considerado por eles, suficiente. Ele responde que continuam indo à escola quando querem entrar para a universidade, pois entendem que precisam terminar determinado grau de instrução para conseguir ingressar na universidade. Foi então que perguntei por Angeli - a adolescente warao -, pois ela não estava mais indo à escola e ninguém sabia o motivo, perguntei se ela não queria ir para a universidade e ele me disse que Angeli iria se casar e portanto, deveria cuidar de sua casa e não mais ir à escola, pois todos os certificados necessários ela já possuía - apesar disto, um tempo depois, recebi a informação de que Angeli retornou à escola, pois conseguiram uma vaga para ela em outra escola, no EJA, onde ela poderá estudar com pessoas da sua idade. Em contrapartida, após a chegada de mais alguns warao em Tinguá, contabilizando um total de 38 pessoas, dentre eles uma adolescente, de idade próxima a de Angeli - Leni -, esta se mostra muito interessada em entrar para a universidade, tanto que se preocupa com a possibilidade de se matricular na escola e terminar seus estudos.

Acompanhei a Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu no dia em que foram levar as instruções para matrícula de Leni na escola, para cursar o EJA, devido à sua idade. Ela se mostra muito feliz e empolgada, além de atenta a todas as instruções. Sua irmã mais velha, acompanha atentamente as instruções ao seu lado e quando Paula (funcionária da secretaria de educação e pesquisadora da UERJ) termina de explicar, ela pergunta se também pode se matricular junto com a irmã, pois também quer ir para a universidade, Paula diz que sim e pergunta se elas precisam que as acompanhe, na escola, durante este processo, elas dizem que sim, pois as pessoas podem não compreendê-las e algo sair errado, mostrando sua preocupação para que tudo dê certo. Assim, combinado o dia de irem, as irmãs demonstram muita felicidade com a possibilidade de entrar para a universidade e aqui começo a perceber um outro lado da relação dos warao com a educação.

## **Conclusão**

A pesquisa com os Warao está em fase inicial, então alguns aspectos ainda precisam ser melhor observados e entendidos, entretanto, com base em leituras a respeito dos mesmos e nas observações e relatos recolhidos até o momento, pude perceber a força que os estereótipos tem sobre a forma como os Warao foram tratados desde que chegaram ao Brasil até o presente momento. Parte disto, se deve ao fato de termos poucos trabalhos que tratem especificamente dos Warao. A maior parte dos

trabalhos existentes não foram feitos em profundidade e/ou foram publicados nos últimos dois anos, então ainda há que se ter mais pesquisas que possam analisar em profundidade aspectos relevantes acerca dos Warao.

Além disto, nota-se também a necessidade de capacitação dos órgãos públicos que recebem estes, pois é preciso ter em conta que, imigrantes e refugiados não se organizam segundo a lógica dos autóctones e também, apesar de muitos indígenas viverem nas cidades, há uma outra parte que não, portanto existe um distanciamento maior em relação ao entendimento organizacional de suas dinâmicas próprias, que devem conhecidas e respeitadas. Capacitação de profissionais, implantação de modelos previstos em lei e adaptação de políticas públicas existentes ou, até mesmo, a formulação de novas políticas, mostram-se então urgentes, de forma a poder atender às necessidades desta população, diminuir a ocorrência de preconceitos com base em estereótipos e possibilitar que vivam uma vida digna enquanto permanecerem aqui.

### **Referências Bibliográficas**

ACNUR. **ACNUR parabeniza Brasil por reconhecer milhares de venezuelanos como refugiados.** ACNUR, Brasil. 06 Dez. 2019. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2019/12/06/acnur-parabeniza-brasil-porreconhecermilhares-de-venezuelanos-como-refugiados/>>. Acesso em: 10 Out. 2020

\_\_\_\_\_. **Tendencias Globales: Desplazamiento Forzado en 2019**, 18 jun. 2020. Disponível em: <[https://www.unhcr.org/5ee200e37/#\\_ga=2.143485557.1364177628.1602373985-1084923908.1598226287](https://www.unhcr.org/5ee200e37/#_ga=2.143485557.1364177628.1602373985-1084923908.1598226287)>. Acesso em 20 Ago. 2020

\_\_\_\_\_. **Os Warao no Brasil: Contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes.** Disponível em: <<<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/04/WEB-Os-Warao-no-Brasil.pdf>>> Acesso em 10 Nov. 2020.

ANDRÉ, Bianka. P. **A diversidade dos alunos estrangeiros e seu processo de adaptação em escolas brasileiras.** In: SANTOS, M.; BAHIA, J. (Org.). *Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios*. São Leopoldo: Oikos, 2016. 152p. p. 56-78

BRASIL. **LEI Nº 13.445, DE 24 DE MAIO DE 2017. Institui a Lei de Migração.** Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, Ed. 99, p. 1, 24 mai. 2017. Seção 1.

**Brasil torna-se o país com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina.** ACNUR, Brasil. 31 Jan. 2020. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maiornumero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/>>. Acesso em: 10 Out. 2020

GARCÍA CASTRO, Alvaro A. **Mendicidad indígena: Los Warao Urbanos.** *Boletín Antropológico*: Universidad de Los Andes. n.48. ISSN: 1325-2610, Fev-Abr, 2000.

HEBENBROCK, Mariano. **Imigração Venezuelana no Brasil: Xenofobia e Racismo como Pano de Fundo.** *Revista Coletiva*, Brasil, n. 23, p. 1-10, out/nov/dez/jan. 2018-2019.

OIM. **Informe sobre las Migraciones em el Mundo 2020.** Ginebra. OIM. 2020

RUSEISHVILI, Svetlana. **Quatro lições da pandemia sobre a mobilidade no mundo contemporâneo.** In: ZUBEN *et al.* Migrações internacionais e a pandemia de COVID-19. UNICAMP, SP. p.160-166. 2020.

SANTOS, Elis Alberta R. dos. **Deslocamentos transfronteiriços de indígenas Warao: Impactos do desenvolvimentismo moderno à vida indígena.** Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. Out- Nov. 2020. p.1-17.

SANTOS, Miriam; BAHIA, Joana; GOMES, Charles. **Aspectos socioeducativos dos processos migratórios.** In: SANTOS, M.; BAHIA, J. (Org.). *Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios.* São Leopoldo: Oikos, 2016. 152p. p.7-17